

A crise dos mísseis do século XXI

Ricardo Caldas*

Diferentemente da crise dos mísseis cubanos em 1962, quando Cuba, sob o governo de Fidel Castro, tentou instalar mísseis em seu território, deixando a humanidade à beira de uma Terceira Guerra Mundial, a crise dos mísseis norte-coreanos possui características bem distintas.

A Coréia do Norte, ao contrário de Cuba, não se situa em uma área geográfica que seja uma ameaça direta para os EUA. O fato de as duas Coréias estarem situadas em uma península limita o impacto de uma possível crise. Por seu lado, apesar de não estar na área de alcance dos EUA, não significa que a Coréia do Norte não possa atingir os principais aliados militares estadunidenses, como a Coréia do Sul e o Japão. Além disso, o fato de a Coréia do Norte já ter invadido a Coréia do Sul em 1950 não depõe a favor do Governo norte-coreano, tido na comunidade internacional como uma réplica da fábula totalitária descrita por George Orwell em sua obra-prima: *1984*.

O modelo totalitário soviético de partido único, de inspiração stalinista, foi implantado na Coréia do Norte após a Segunda Guerra Mundial. Ainda hoje o sistema político norte-coreano é réplica do sistema soviético. Com a morte do líder e Presidente Kim Il-sung, em 1994, seu filho tornou-se o principal líder norte-coreano e supremo comandante do país a partir de 1998. A Coréia do Norte tornou-se, assim, o primeiro regime totalitário hereditário do planeta. O próximo provavelmente deve ser Cuba.

A partir da crise do petróleo na década de 1970 e da retirada progressiva do apoio soviéti-

co, a Coréia do Norte entrou em profunda e irreversível depressão econômica. Faltam alimentos para a população, energia no país e matérias-primas para as fábricas. O Governo norte-coreano não conseguiu ainda estabelecer uma estratégia de ação para contrabalançar a retirada ao apoio da ex-URSS, ao contrário de Cuba, que passou a se apoiar de forma crescente na indústria do turismo. Hoje, a Coréia do Norte depende da ajuda de outros países e de doações dos países desenvolvidos (e da Coréia do Sul) para sobreviver. Estima-se que o PIB da Coréia do Norte deva estar atualmente em torno de US\$ 30 bilhões. Apesar desse fato, a Coréia do Norte mantém altíssimos gastos militares, talvez um dos maiores do planeta em relação ao Produto Interno Bruto, em torno de 20% do PIB.

Na comparação entre o programa nuclear do país e o iraniano, observa-se que o do Irã é bastante incipiente e apresentou poucos resultados práticos até o momento, como nota Marcos de Azambuja (*Os Programas Nucleares da Coréia do Norte, do Irã e suas conseqüências*, Paz e Terra, 2006). Não é esse o caso da Coréia do Norte. De fato, as pesquisas nucleares norte-coreanas são bem conhecidas. Desde 1992 o país autorizou visitas da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), mas se acredita que o Governo tenha impedido que a AIEA tenha tido contato com regiões onde pudesse haver a produção de urânio. Na comunidade internacional, supõe-se que a Coréia do Norte já é capaz de fabricar artefatos e ogivas nucleares de médio alcance.

Em 1994, a Coréia do Norte se dispôs a suspender seu programa nuclear e, em troca, recebeu a promessa de US\$ 5 bilhões em combustível e dois reatores nucleares para fins pacíficos.

* O autor é professor da Universidade de Brasília.

No entanto, a partir de 1998 passa a lançar mísseis por cima do Japão, deixando os governos japonês e sul-coreano em estado de alerta.

Apesar desse fato – ou talvez por causa dele –, desde 2000 inicia-se um processo de aproximação entre as duas Coreias, inclusive com visita de presidentes. Aparentemente, para a Coreia do Norte a questão nuclear é um jogo onde ela pretende obter o melhor resultado possível via ameaças. Assim, o disparo de mísseis, durante a data máxima dos EUA, 4 de julho, parece ter sido uma clara tentativa da Coreia do Norte de chamar atenção sobre a sua situação para os países doadores maximizarem suas doações a fim de dissuadir o Governo norte-coreano a abandonar seu programa nuclear.

Com efeito, a Coreia do Norte provavelmente está blefando. O Governo percebe a pre-

ocupação da comunidade internacional com a questão da segurança internacional e busca obter o máximo de ganhos possíveis sob a forma de doações, energias e alimentos para contrabalançar as mazelas de sua economia e aumentar a longevidade do regime stalinista. Nesse aspecto, a referência da Coreia do Norte é o Irã, que está sendo cortejado pela comunidade internacional, principalmente pela União Européia, que teria oferecido uma série de incentivos econômicos, comerciais, financeiros para que o Governo iraniano abandone sua intenção de processar urânio no país. A Coreia do Norte, aparentemente, deseja ser cortejada também.

Esse fato explica, ao menos em parte, por que a Coreia do Sul deu menos importância que os EUA aos mísseis lançados pela vizinha Coreia do Norte. Veremos os resultados do jogo em breve.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



A Arte de Governar

Margaret Thatcher

A autora estuda e conclui sobre a obtenção de diferentes caminhos para desenvolver a arte de bem governar. Ela analisa os fatos políticos mundiais desde a chamada Guerra Fria, passando pelo continente eurasiático e seus diferentes conflitos sociais e religiosos e concluindo sobre a participação socioeconômica da Grã-Bretanha no mundo europeu.